

## **IV. Impacto da Globalização no Desenvolvimento Local**

### **1. Introdução, 283**

### **2. Sociedade de Risco, 285**

#### 2.1 A Modernização Reflexiva, 285

#### 2.2 O Conceito de Risco Fabricado, 285

### **3. Catástrofe Urbana, 290**

### **4. Sociedade em Rede, 292**

### **5. Limites do Estado, 296**

### **6. Espaço e Tempo, 299**

### **7. Desenvolvimento sem Trabalho, 302**

## 1. Introdução

A rápida e crescente transformação da sociedade não vem permitindo uma abordagem mais do planejamento como um produto, mas sim como um processo. Com a globalização, ou seja a mundialização da economia, o que vem acontecendo em termos de mudanças que possam refletir nas cidades? Os resultados da transformação econômica global, não permitem estabelecer planos que não sejam passíveis de alteração a curto prazo. Assim, o que interessa, em termos de decisão, pública ou privada, política e/ou econômica, é o que acontece agora em nível global que interfira no desenvolvimento econômico local.

Porém é relevante sustentar que em desenvolvimento no nível local é primordial a qualidade de vida. Percebe-se ainda a inserção de um novo significado para esta qualidade a ser oferecida aos cidadãos, onde ao lado de todo um conjunto de oferta de infra-estrutura urbana, física e social, aliado ao bem-estar da comunidade, ambiciona-se a capacidade de consumo da comunidade, reflexo da sustentabilidade de uma economia local.

Há uma ameaça permanente para a comunidade urbana no nível global, que independe de sua competitividade, pois está ligada aos fatores macro econômicos da economia emergente, que é o risco de começar a sua decadência econômica, física, social e ambiental e morrer no “sistema-mundo”<sup>1</sup>.

Qual a importância destas considerações, onde, afinal, o que interessa é a discussão de um novo aspecto da economia internacional<sup>2</sup> para o planejamento das atividades urbanas e regionais? Os urbanistas se dobram perante a constatação de que sem desenvolvimento econômico não há porque estruturar cidades. Para que serve o planejamento de um sistema viário para algo que não sobreviverá as alterações econômicas? Cidades podem morrer e não se pode afirmar que apenas as cidades pequenas morrerão.

Aqui voltam a se encontrar as lideranças fundamentais do locus urbano: o empresário e o político. De um lado o perfil do executivo privado, em busca do lucro e da rentabilidade do investimento realizado por fundos próprios, de parceiros e/ou sócios, rentabilidade agora, inserida em uma nova realidade

#### **IV. Impacto da Globalização no Desenvolvimento Local**

econômica, onde se depende de um mercado globalizado, mercado este composto por consumidores ligados a uma consciência ambiental, esta não meramente utópica, mas, realística de sobrevivência da humanidade. De outro lado o perfil do executivo público, em busca da manutenção do poder político, fundamentado em estruturas democráticas, que viabilizem as operações de livre comércio, vital para a inserção da comunidade na relações econômicas globalizadas.

Assim, em se considerando a importância da compreensão deste emergente paradigma: a globalização para o desenvolvimento urbano e regional, pretende-se agora mostrar as diferentes abordagens que vem sendo discutidas por pesquisadores e teóricos em universidades e através dos meios de comunicação, por lideranças políticas, empresariais e comunitárias.

## 2. Sociedade de Risco

### 2.1 A Modernização Reflexiva<sup>3</sup>

Segundo Ulrich Beck, sociólogo, chefe do Instituto de Sociologia da Universidade de Munique e professor titular na London School of Economics, Sociedade de Risco é a contrapartida do fato de a sociedade industrial ter se tornado obsoleta. Os riscos gerados pelo próprio desenvolvimento capitalista lançam problemas, como o desemprego estrutural e o controle do meio ambiente, que as velhas instituições têm dificuldade de absorver.

Nesse clima de incertezas, cada vez mais distantes das instituições que davam segurança à sociedade industrial, como: família, classes sociais, etc., as pessoas sofrem uma individualização forçada, tendo que tomar decisões cotidianas que implicam risco pessoal. Por outro lado, isso causa o surgimento de uma multiplicidade de opiniões sobre os mais variados assuntos, o que caracteriza a Sociedade de Risco também como uma sociedade permanentemente autocrítica.

Isto fez com que surgisse a Modernização Reflexiva que se trata de um processo contínuo, imperceptível, quase autônomo de mudança que afeta as bases da sociedade industrial. Nada mais resta ao capitalismo senão transformar a sociedade industrial, forjada por ele próprio no passado.

As pessoas tendem a dar valor às antigas certezas da sociedade industrial, enquanto a realidade não cessa de alterar esses dados. Assim, há momentos em que os indivíduos têm que decidir entre uma convicção do passado, como a idéia de direitos trabalhistas rígidos, e a realidade transformada, como a “flexibilização” do trabalho. Esse confronto bilateral entre as convicções herdadas e as novas formas sociais confere a essa modernização o caráter “reflexivo”.

Em função da crise ecológica aguda, houve uma ampliação do conceito de natureza, de modo que não se pode mais partir do princípio de que os recursos naturais para a produção estejam disponíveis para sempre, sem questionamento. Na verdade trata-se do contrário: com a destruição global da

#### IV. Impacto da Globalização no Desenvolvimento Local

natureza, desenvolve-se um novo tipo de desafio para a Segunda Modernidade, que se denomina de a Sociedade de Risco. O problema principal da Segunda Modernidade é que todos os países, de uma maneira ou de outra, encontram-se simultaneamente diante desse desafio.

Sendo a Segunda Modernidade a simultaneidade do risco global, e os problemas que se traduzem nessa escala como: desagregação da sociedade do trabalho, universalização do desemprego, talvez a saída esteja como Ulrich Beck propõe como idéia central para transformar esse quadro: o “trabalho civil remunerado com dinheiro civil”. Este modelo de trabalho significa tentar reconhecer todos os desempenhos criativos que se destinem à comunidade local, mas que se traduz também num espaço transnacional. É um “modelo de aproximação, uma plataforma que leve os homens a reencontrar sua criatividade e a produzir o novo, na escala de sua existência individual, passo a passo, no seu pequeno círculo, forjando as respostas a esse gigantesco desafio da Segunda Modernidade”.

A seguir, estão dispostos os enfoques para a sociedade global do que seriam a Primeira Modernidade e a Segunda Modernidade.

## IV. Impacto da Globalização no Desenvolvimento Local

<b>Quadro 18</b>		
<b>Enfoques da Primeira e da Segunda Modernidade</b>		
<b>Enfoque</b>	<b>Primeira Modernidade</b>	<b>Segunda Modernidade</b>
Trabalho	Sociedade do trabalho e do sistema estandardizado de pleno emprego do Welfare State clássico. Trabalho regulamentar dentro de uma rede previdenciária. Linearidade e localidade da produção.	Capitalismo sem trabalho. Trabalho flexibilizado, temporário. Nômades do trabalho, subjetividades fantasmas sem seguridade social. Pluralização do trabalho, na eliminação da diferença entre trabalho e não trabalho.
Política	Estado com soberania econômico-territorial e árbitro das desregulagens sistêmicas e do jogo entre sindicatos e capital. Burocratização.	Descentralização e pluralização da arena política. Novos atores não-territoriais como capital e conglomerados financeiros e empresariais. O trabalho torna-se local e o capital torna-se global.
Individualização	Identidade tecida por classes sociais, partidos e ideologias.	Individualização além das classes. Pluralização dos estilos de vida, dos afetos e personas sexuais. Internalização do medo e da angústia na presença dos riscos globais.
Crises ecológicas	Exploração ilimitada da natureza. Banalização do conceito de natureza pelos movimentos ecológicos. Distribuição desigual dos riscos entre países ricos e pobres.	Trabalho sustentável. Universalidade do risco: a Sociedade de Risco não é a sociedade revolucionária, mas antes uma sociedade de catástrofes na qual o Estado de exceção tende a se tornar a normalidade. Ampliação do conceito de natureza humana pela ciência.

Fonte: Folha de São Paulo, 23 de maio de 1999.

## 2.2 O Conceito de Risco Fabricado<sup>4</sup>

Anthony Giddens, sociólogo, que dirige a London School of Economics e é conhecido internacionalmente, associado às idéias da Terceira Via<sup>5</sup>, acredita que a imprevisibilidade do mundo globalizado é um problema estrutural, em que não há escapatória à imprevisibilidade política e econômica do mundo atual.

Uma de suas idéias é a de *manufactured risks*, que sugere em seu bojo uma abordagem onde deve se relevar a distinção de que o risco existente na sociedade globalizada dos riscos existentes no passado é que, agora, não temos antecedentes históricos que nos digam o que fazer diante deles. São os riscos que advêm, por exemplo, de transformações genéticas ou climáticas, mas também de mudanças na estrutura da família, do casamento totalmente novas na história da civilização humana.

Globalização, risco, tradição, família e democracia são conceitos que devem estar no foco do pensamento. Como traduzir isso para a política ou como traduzir isso para os governos é um caminho que vai além de uma alternativa entre a tradicional social democracia e o neo liberalismo. Trata-se de dar uma resposta a todas essas mudanças onde a imprevisibilidade do mundo globalizado é um problema estrutural. Portanto, não é devido a uma simples conjuntura dos dias de hoje, de agora.

Não seria correto dizer que o mundo hoje é menos previsível do que era antes. A diferença agora é que enfrentamos situações de risco que outras gerações não tiveram que enfrentar. Esses novos riscos foram construídos ou pelo impacto da ciência e tecnologia nas nossas vidas, incluindo nossos corpos, ou por profundas mudanças na estrutura da sociedade.

A imprevisibilidade integra, para o bem ou para o mal, o mundo em que vivemos. Não há escapatória. É estrutural também no sentido de que uma reversão ao passado não é concebível. Para conviver com isso temos que encontrar um novo tipo de equilíbrio entre o risco e a segurança. Se se pensar em respostas políticas para esse problema, precisa-se pensar em governos ativos

#### IV. Impacto da Globalização no Desenvolvimento Local

tentando dar segurança para as pessoas. Isso só vai acontecer se houver uma compreensão sofisticada das novas situações de incerteza. Se essa compreensão não existir, vai tentar-se adaptar a elas usando maneiras antigas, mas não vai funcionar.

Pois, afinal. o impacto da globalização cria cenários de “riscos fabricados” dos quais não temos experiências anteriores que nos orientem sobre o que fazer diante deles. Isso vai desde a vida pessoal, como as estruturas do casamento e da família – que estão mudando –, até a economia global e outras incertezas associadas à invasão da ciência e tecnologia em praticamente todos os aspectos do que fazemos até hoje. E do que iremos fazer aqui para frente.

### 3. Catástrofe Urbana<sup>6</sup>

Paul Virílio, urbanista professor da Escola Superior de Arquitetura de Paris, membro fundador do Centro Interdisciplinar de Pesquisa da Paz e de Estudos Estratégicos, na Maison des Sciences de l'Homme questiona os benefícios da sociedade da informação e se preocupa quanto aos seus efeitos políticos. “Como, afinal, a globalização afetará as cidades? Que futuro reserva o planeta para a *urbi*? Diz-se que no século 21 haverá de se reinventar uma nova relação do homem com a Terra. A grande questão ecológica na verdade é a cidade. Não é a poluição do ar, da fauna, da flora, porém a construção da cidade dos homens, a democracia”.

Chegamos à desintegração da unidade familiar não no sentido moral, mas sim, enquanto unidade de reprodução. A grande metrópole minou a base da espécie humana, e nós agora vemos bandos de crianças que sobrevivem roubando os adultos. A cidade deixou de ser um lugar de socialização para se tornar um lugar de dessocialização.

Para que no próximo século a vida nas cidades melhore, é preciso que a política controle a técnica, porque, segundo a visão caótica de Paulo Virílio, “estamos às vésperas de uma grande revolução, que vai agravar os efeitos da revolução industrial: a revolução informacional que significará o desemprego em massa, o fim do trabalho e da força do homem e se o poder político não for capaz de controlar o desenvolvimento técnico dos autômatos, dos sistemas de produção, do mercado, iremos em direção a uma sociedade que terá duas velocidades: uma formada por uma elite que viverá em *'bunkers'* e a outra uma formada pelos miseráveis que vão atacá-la. O problema hoje é controlar o desenvolvimento técnico. Nós entramos num período de desemprego em massa, que é estrutural e não conjetural”.

Vê-se um futuro inexorável que é a metropolização, processo que era próprio do Terceiro Mundo. Para viverem nele, as pessoas se precipitavam em direção à capital, ao porto. Atualmente isso está acontecendo também com a Europa. Paris vai se tornando uma nebulosa, e a verdadeira questão é a do emprego. O problema que se coloca para o urbanista é o de saber onde ele deve

#### IV. Impacto da Globalização no Desenvolvimento Local

construir alojamentos, quando já não existe trabalho permanente e o proletariado se dessedentariza. Onde construir alojamentos quando as pessoas circulam permanentemente?

Para intervir nesse processo, organizar a cidade, deve-se ter uma compreensão da técnica do transporte no século 19, que se caracteriza pela oposição entre a cidade e o campo e a da transmissão no século 20, que se caracteriza pela oposição entre o centro da cidade e a periferia. No século 21, teremos a oposição entre os sedentários (que estão em casa em qualquer lugar, no trem, na rua, com o *laptop*, o celular), e os nômades (os que não estão em casa em lugar nenhum; o indivíduo que vive no carro à procura de um emprego, vai de um ponto a outro colhendo o que pode, sem apartamento, sem poder se casar).

Pode-se dizer que ser um urbanista significa dizer que se trabalha com a organização do espaço. Não é ser um construtor de cidades. A organização do território e da cidade, que é a forma política maior da história, é papel do urbanismo. Sobre a questão de existir, ou não, lugares e paisagens mais propícias a uma urbanização inteligente, este é um problema voltado para a circulação das populações. O essencial é a cidade estar situada num lugar onde o fluxo de gente é importante, porque ela é um ponto de encontro de pessoas, portanto pode ser um porto, um desfiladeiro ou uma confluência de rios.

Nesta abordagem conceitual sobre a cidade, como um fluxo de pessoas, ela deve ser como uma caixa de velocidade, ela pode ser vista como o rosto escondido da riqueza de uma civilização. A velocidade é, com os transportes coletivos e a iluminação noturna, um dos elementos principais da cidade. Foi a iluminação que fez de Paris a cidade-luz. Ela viabiliza a noite. A cidade sempre foi e sempre será, um lugar onde a gente se droga com a velocidade, com o álcool e agora com a Internet.

#### 4. Sociedade em Rede<sup>7</sup>

Discutir a globalização como uma Sociedade em Rede, como diz o sociólogo espanhol Manuel Castells, catedrático de planejamento urbano e regional na Universidade da Califórnia, deriva, em sua raiz, de uma questão fundamentada na era da informática, onde ocorrem três fenômenos iniciados nos anos 60 e 70:

- Tecnologia da informação, que revolucionou a produção;
- Reestruturação e flexibilização do capitalismo e do estatismo; e
- Movimentos sociais como feminismo, ecologia e movimento do liberalismo sexual.

Estas transformações determinaram o desenvolvimento de um amplo espectro de assuntos interligados que vão da evolução da informática às transformações no trabalho e nos costumes sexuais, em todos os países do mundo. Desta forma, uma rede de relações entre sociedade e tecnologia vem ocorrendo, tendo como princípio o modelo de desenvolvimento da região, na Califórnia, conhecida como Silicon Valley, que teve uma importância fundamental na formação da revolução das tecnologias da informação.

Pode se dar conta, hoje, de que tudo mudava no Silicon Valley, não como consequência da tecnologia, mas devido a um meio tecnológico que convertia a capacidade de investigar e gerar conhecimento em força produtiva direta. Assim se percebeu que o poder de conexão, a conectividade entre os agentes que modelaram o Vale do Silício desde seu início, permitiu a instalação de uma verdadeira rede de desenvolvimento. A partir deste conceito, Manuel Castells afirma que é o grau de conexão de uma sociedade que indica hoje o seu nível de desenvolvimento.

O fenômeno da globalização estende seus conceitos em países antes fora do núcleo das decisões. Isto permite que o Brasil, a Índia e a Espanha, entre outros países, possam ser considerados como sociedades informacionais. Estas sociedades se caracterizam pelo fato da sociedade de informação ser uma

#### IV. Impacto da Globalização no Desenvolvimento Local

sociedade em que as fontes de poder e riqueza dependem da capacidade de geração de conhecimento e processamento de informação. E tal capacidade depende da geração da interação entre recursos humanos, infra-estrutura tecnológica e inovação organizacional e estrutural. Nesse sentido todas as sociedades estão conectadas globalmente em redes de informação que condicionam toda a sua dinâmica. Mas há sociedades majoritariamente conectadas e outras em que somente um pólo dinâmico pertence a essas redes globais informacionais. Esta é a diferença entre desenvolvimento e irrelevância hoje.

Para o ritmo de crescimento da sociedade informacional continuar existindo há de se responder a uma questão básica: haverá suficiente demanda para absorver a produção de informação e entretenimento que cresce exponencialmente? Parece que tudo leva a crer que jamais haverá excesso de informação. Pois há defasagem entre a capacidade cultural das pessoas e a riqueza de informação disponível no mundo.

As pesquisas das empresas de multimídia demonstram que a ampliação da oferta de informação passa por novos conteúdos - educativos, culturais e políticos. A abertura ao mundo de toda a informação universal é uma possibilidade extraordinária que está mudando nossas vidas e nosso imaginário. Desde que o sistema educativo proporcione pessoas com capacidade para buscar, escolher e desfrutar, e aí reside o grande desafio para as gerações futuras, ainda está distante o dia que este mercado estará saturado.

O fenômeno urbano apresenta esta novidade: megacidades que se estendem no espaço e formam verdadeiras nebulosas urbanas, onde se integram campo e cidade, criatividade e problemas sociais ao mesmo tempo. Elas são os centros nervosos do sistema mundial. As cidades globais não são a questão. Toda grande cidade é algo global, em proporções diferentes. E é, até mesmo, também local ao mesmo tempo. A maioria dos bairros e pessoas vive vidas locais.

Nesse sentido, Bombaim e Lagos são globais também. Bombaim é um grande centro financeiro e de software em nível mundial, conectado com Londres e com Silicon Valley. Lagos está conectada financeiramente à indústria energética e também é um centro estratégico das máfias criminosas globais. Mas Londres,

#### IV. Impacto da Globalização no Desenvolvimento Local

Bombaim, Lagos, Silicon Valley têm áreas locais desconectadas das redes globais, ainda que em proporções diferentes. Cerca de 90% de Lagos está desconectada da rede global. No Silicon Valley essa proporção é de 10%.

Porém a cidade global não é concreta, ela é uma rede interterritorial<sup>8</sup> de espaços locais conectados em uma rede global de capital e informação, onde estão Wall Street, a City de Londres, Ginza de Tóquio e a avenida Paulista, entre outros.

Identifica-se, ainda, o que Castells chama de “dual city”: as cidades informacionais que concentram o pior e o melhor. Tanto com populações que estão conectadas à rede global quanto, e ao mesmo tempo, com populações desconectadas. Estas podem ser consideradas como “funcionalmente desnecessárias” nesse processo. Embora haja uma tendência de aumentar ou diminuir a desigualdade sócio-econômica dentro de uma cidade informacional pelo desejo de todos se conectarem.

Sabe-se que megacidades como São Paulo sempre serão os territórios que concentram maiores problemas sociais e ambientais. Mas também reúnem as maiores possibilidades de desenvolvimento, de criatividade e de vontade política para mudar as coisas. Pois, afinal, não são elas a fonte dos problemas, mas sim as redes globais de poder e riqueza que conectam o que dá lucro e desconectam o que não tem outro valor além de existir.

Não se sabe muito do futuro, mas se sabe do presente e da última década. Assim se sabe que em todo o mundo aumentou a exclusão social, a polarização e a desigualdade social. Transformações apenas começaram no Brasil e cidades como São Paulo tendem a ampliar sua área de influência, exportando linhas de produção da indústria, mas concentrando as sedes administrativas das empresas<sup>9</sup>. O que vem provocar uma interiorização do crescimento: a formação de novas aglomerações urbanas e a volta do crescimento da população rural, um fenômeno idêntico ao que vem ocorrendo em alguns países da Europa.

Surge mais uma questão para a Sociedade em Rede: e no futuro, será possível fazer a distinção tradicional entre população rural e urbana? Acredita-se, que o aumento da população rural pode ser reação de sobrevivência mais que

#### IV. Impacto da Globalização no Desenvolvimento Local

resultado da difusão das telecomunicações. Mas em grande parte do que se conta como crescimento rural é a difusão em espaços que, parecendo rurais, estão conectados a redes metropolitanas.

Para os próximos anos, talvez para o próximo século, eis o nosso maior desafio: reequilibrar a relação entre tecnologia e sociedade. Vivemos numa era de super desenvolvimento tecnológico e subdesenvolvimento social e institucional. Se não mudamos, como pessoas e como sociedade, nosso extraordinário potencial tecnológico, fonte possível de criatividade sem precedentes, pode se converter em fonte de autodestruição.

### 5. Limites do Estado<sup>10</sup>

As tendências evolutivas que hoje atraem a atenção sob a rubrica “globalização” modificam uma constelação histórica que se distinguiu pelo fato de o Estado, sociedade e a economia estenderem-se, de certa maneira, de forma coextensiva dentro das mesmas fronteiras nacionais. O sistema econômico internacional, no qual os Estados traçam as fronteiras entre a economia interna e as relações de comércio exterior, transforma-se, na esteira da globalização dos mercados, numa economia transnacional.

São relevantes, em primeiro lugar, a aceleração dos movimentos universais de capital e a avaliação imperativa das posições nacionais por meio dos mercados financeiros ligados globalmente em rede. Esses fatos explicam por que os atores estatais, hoje, não constituem mais os nós que emprestaram à rede global de relações de troca a estrutura de relações interestatais ou internacionais. Hoje, são antes os Estados que se acham incorporados aos mercados e não a economia política às fronteiras estatais.

O ímpeto de romper fronteiras não caracteriza, sem dúvida, apenas a economia. Ao abordar um tema de amplo espectro como, por exemplo, “Transformações Globais” deve-se considerar que ela contém, ao lado de questões sobre o comércio mundial, mercados financeiros e corporações multinacionais (com cadeias produtivas de alcance global), política interna mundial, correntes migratórias, questões novas como mídias e redes de comunicação, além das formas híbridas de culturas.

Ocorre um “rompimento de fronteiras” da economia, da sociedade e da cultura, num processo de ampla progressão, afetando as condições de existência do sistema estatal europeu, que desde o século XVII foi erigido sobre bases territoriais e que, como antes, eleva à cena política os atores coletivos de maior relevância. Esta constelação pós-nacional põe de lado essa engrenagem construtiva entre, de um lado, a política e o sistema jurídico, e, de outro, a circulação econômica e as tradições nacionais dentro das fronteiras do Estado territorial.

#### IV. Impacto da Globalização no Desenvolvimento Local

As tendências descritas sob a rubrica “globalização” não ameaçam somente no campo interno uma composição comparativamente homogênea da população - ou seja, o fundamento pré-político da integração dos cidadãos - por intermédio da imigração e da segmentação cultural. Ainda mais contundente é a circunstância de um Estado, cada vez mais enredado na interdependência entre economia e sociedade mundiais, perder autonomia e capacidade de ação, bem como substância democrática.

A tomada de partido pela globalização ampara-se numa ortodoxia neo liberal que, nas últimas décadas, conduziu a mudança para políticas econômicas orientadas pela oferta. Onde se recomenda a subordinação incondicional do Estado ao imperativo de uma integração social planetária por meio dos mercados e aconselhando-se um *entrepreneurial state*, que se afasta do projeto de acomodação da força de trabalho e, sobretudo, da proteção estatal de recursos da esfera mundana.

O Estado, agrilhado ao sistema econômico transnacional, abandona seus cidadãos à afiançada liberdade negativa de uma competição mundial e se limita a pôr à disposição infra-estruturas que tornem atraente sua própria posição sob a perspectiva da rentabilidade que fomentem atividades empresariais.

Segundo a variante defensiva, não há mais como anular a subordinação da política ao imperativo de uma sociedade mundial integrada pelo mercado. O Estado nacional não deve cumprir somente um papel reativo em vista das condições de utilização do capital de investimento, mas também um papel ativo em todas as tentativas de qualificar os cidadãos da sociedade e capacitá-los à competição. A nova política social não é menos universalista do que a antiga. Mas ela não deve, em primeiro lugar, servir de resguardo contra os riscos padrões do trabalho, e sim dotar as pessoas com qualidades empreendedoras típicas de “realizadores”, que saibam cuidar de si próprios.

A política, agora, só será capaz de “ter precedência” sobre os mercados globalizados quando lograr produzir na política interna, a longo prazo, uma sólida infra-estrutura que não seja desvinculada dos processos democráticos de legitimação. Considere-se que remediar a limitação do poder estatal na era da

#### **IV. Impacto da Globalização no Desenvolvimento Local**

globalização é impossível, a globalização exige sobretudo o revigoramento das forças libertárias da sociedade civil, ou seja, a iniciativa privada e a responsabilidade dos cidadãos.

A questão passaria a ser um problema da dinâmica global aliada a um universo de vida local. A opção primordial é ir além dos Estados nacionais, perseguir um plano supranacional e global, onde o poder destrutivo ecológico, bem como social e cultural, do capitalismo planetário estaria novamente posto sob controle.

## 6. Espaço e Tempo

Ao abordar a questão da globalização, Milton Santos, professor de geografia humana na Universidade de São Paulo, lembra que “somente a história nos instrui sobre o significado das coisas. Mas é preciso reconstruí-la sempre reconstruí-la, para incorporar novas realidades e novas idéias ou, em outras palavras, para levarmos em conta o tempo que passa e tudo muda”.

Segue, ainda, considerando que “A história do homem sobre a Terra é a história de uma rotura progressiva entre o homem e o entorno. Este processo se acelera quando, praticamente ao mesmo tempo, o homem se descobre como indivíduo e inicia a mecanização do Planeta, armando-se de novos instrumentos para tentar dominá-lo. A natureza artificializada marca uma grande mudança na história humana da natureza. Hoje, com a tecnociência, alcançamos o estágio supremo dessa evolução”.

Onde nos leva a civilização em seus inovadores rumos? “Esta evolução culmina, na fase atual, onde a economia se tornou mundializada, e todas sociedades terminaram por adotar, de forma mais ou menos total, mais ou menos explícita, um modelo técnico único que se sobrepõe à multiplicidade de recursos naturais e humanos”.

“Assim é nessas condições que a mundialização do planeta unifica a natureza. Suas diversas frações são postas ao alcance dos mais diversos capitais, que as individualizam, hierarquizando segundo lógicas com escalas diversas. À uma escala mundial corresponde uma lógica mundial que nesse nível guia os investimentos, a circulação das riquezas, a distribuição das mercadorias. Entretanto cada lugar é ponto de encontro de lógicas que trabalham em diferentes escalas, reveladoras de níveis diversos, e às vezes contrastantes, na busca da eficácia e do lucro, no uso das tecnologias do capital e do trabalho. Assim se redefinem os lugares: como ponto de encontro longínquos e próximos, mundiais e locais”.

Perde-se as referências, pois dentro do atual sistema da natureza, o homem se afasta em definitivo da possibilidade de relações totalizantes com o seu

#### IV. Impacto da Globalização no Desenvolvimento Local

próprio quinhão do território. Há razões suficientes para se indagar qual a fração da natureza que cabe a cada indivíduo ou a cada grupo, se o exercício da vida exige de todos uma referência constante a um grande número de lugares?

“Ali mesmo, onde moro, freqüentemente não sei onde estou. Minha consciência depende de um fluxo multiforme de informações que me ultrapassam ou não me atingem, de modo que me escapam as possibilidades hoje tão numerosas e concretas de uso ou de ação. O que parece estar ao alcance de minhas mãos é concreto, mas não para mim. O que me cabe são apenas partes desconexas do todo, fatias opulentas ou migalhas. Como me identifico, assim, com o meu entorno?”, indaga-se Santos.

Talvez possa se considerar, como estabeleceu Ianni (1994):

“As noções de espaço e tempo, fundamentais para todas as ciências sociais, estão sendo revolucionadas pelos desenvolvimentos científicos e tecnológicos incorporados e dinamizados pelos movimentos da sociedade global. As realidades e os imaginários lançam-se em outros horizontes, mais amplos que a província e a nação, a ilha e o arquipélago, a região e o continente, o mar e o oceano. As redes de articulações e as alianças estratégicas de empresas, corporações, conglomerados, fundações, centros e institutos de pesquisas, universidades, igrejas, partidos, sindicatos, governos, meios de comunicação impressa e eletrônica, tudo isso se constitui e desenvolve tecidos que agilizam relações, processos e estruturas, espaços e tempos, geografias e histórias. O local e o global estão distantes e próximos, diversos e mesmos. As identidades embaralham-se e multiplicam-se. As articulações e as velocidades desterritorializam-se e re-territorializam-se em outros espaços, com outros significados. O mundo se torna mais complexo e mais simples, micro e macro, épico e dramático”.

Complementa Santos:

“Há hoje, um relógio mundial, fruto do progresso técnico, mas o tempo-mundo é abstrato, exceto como relação. Temos, sem dúvida, um tempo universal, tempo despótico, instrumento de medida hegemônico que comanda o tempo dos outros. Esse tempo despótico, instrumento de medida hegemônico, que

**IV. Impacto da Globalização no Desenvolvimento Local**

comanda o tempo dos outros (...) é responsável por temporalidades hierárquicas, conflitantes, mas convergentes. Nesse sentido todos os tempos são globais, mas não há um tempo mundial. O espaço se globaliza, mas não é mundial como um todo, senão como metáfora. Todos os lugares são mundiais, mas não há um espaço mundial. Quem se globaliza mesmo, são as pessoas e os lugares”.

Dessa maneira há de se imaginar o indivíduo como um ser no mundo, mas pode-se pensar que há um homem total em um mundo global? Não há dúvida, entendido como sistema, o ser humano econômico é cada vez menos local e cada vez mais universal suas atividades produtivas.

## 7. Desenvolvimento sem Trabalho

Há algumas considerações pessimistas quanto ao futuro do emprego, como a de Gorender (1997), considerando que: “o desemprego estrutural é uma epidemia econômica do final do século, vinculado à globalização e decorrente dela e tão inevitável quanto ela, assemelhando-se a AIDS, que contamina a todos sem distinção de qualquer espécie. Ricos e pobres. Desenvolvidos e sub-desenvolvidos. A questão inscreve-se na ordem do dia de todos os países”.

Em mais um abordagem catastrófica, Forrester (1997) concluiu que “um desempregado, hoje, não é mais objeto de uma marginalização provisória, ocasional, que atinge apenas alguns setores; agora, ele está às voltas com uma implosão geral, com um fenômeno comparável a tempestades, ciclones e tornados”, mais além o autor diz “imaginar os acontecimentos possíveis sob um regime totalitário, que não teria qualquer dificuldade para se mundializar, e que disporia de meios de eliminação de uma eficácia, uma amplitude e uma rapidez jamais imaginadas: genocídio”.

Também existem visões religiosas. Masi (1999), por exemplo, diz ser o trabalho uma maldição bíblica. Acredita ele que o trabalho, afinal, “vem há séculos se desenvolvendo em lugares indecentemente feios, onde uma pessoas deve passar muito tempo, gastando muita energia, com rituais inúteis. É conveniente lembrar que já se vai mais de um século, em 1857, quando Karl Marx escreveu: É chegado o tempo em que os homens não mais farão o que as máquinas podem fazer, concluindo que o capitalismo, tendendo de forma inexorável para a abolição do trabalho, teria desta forma provocado sua própria morte”.

Investigar a decadência da sociedade capitalista talvez seja o foco ideal para contornar a situação e evitar, como prevê Kurz (1999), em um mundo de economia de mercado e democracia, onde nem a economia de mercado nem a democracia são suficientes, o surgimento dos escravos globais. Pois percebe-se que a lógica do imperialismo continua a existir, com suas táticas de exclusão e criação de uma cultura unipolar, onde os EUA prevalece como a última grande potência bélica. Embora esteja ficando cada vez mais claro que em um espaço econômico globalizado de cunho empresarial toda política expansionista tradicional perca o sentido.

#### IV. Impacto da Globalização no Desenvolvimento Local

Mas será o desemprego um sintoma de final de século? Parece tudo ser novo. O que não é verdade. O fenômeno vem ocorrendo desde o final dos anos 70 e a sensação é que apenas agora a revolução da microeletrônica substituiu em proporções crescentes, na ampla gama de atividades rotineiras da economia industrial, a força de trabalho humana pela tecnologia informática e robotizada. E mesmo assim, a sociedade ainda não está preparada para enfrentar este desafio: o desenvolvimento sem trabalho.

Há de se pensar na pergunta que um dia fez Dahrendorf<sup>11</sup>: “A sociedade do desenvolvimento foi também uma sociedade do trabalho. A vida dos homens era construída em torno do trabalho. A educação era orientada como preparação para o mundo do trabalho, o tempo livre como descanso para o novo trabalho. Além disso o trabalhador não era apenas considerado necessário para ganhar com o que viver, mas também como valor em si. Havia um orgulho no próprio trabalho e nas realizações no trabalho. A preguiça era severamente estigmatizada. Pode-se até mesmo dizer que a figura do homem trabalhador representou o ideal desta sociedade. Resta-nos perguntar: o que irá acontecer quando à sociedade do trabalho, o próprio trabalho irá faltar?”.

---

### 1. Introdução

<sup>1</sup> Significa dizer que este conjunto é sistêmico, portanto podemos admitir que a globalização constitui um paradigma para a compreensão dos diferentes aspectos da realidade contemporânea. Santos (1994).

<sup>2</sup> Por economia mundial entendem-se a economia do mundo globalmente considerado, o mercado de todo o planeta.

### 2. Sociedade de Risco

<sup>3</sup> Baseado em entrevista de Ulrich Beck a José Galisi Filho, Folha de São Paulo, 23 de maio de 1999.

<sup>4</sup> Baseado em entrevista de Anthony Giddens a Rogério Pacheco Jordão, Folha de São Paulo, 23 de maio de 1999, e na obra do autor citada na bibliografia da tese.

<sup>5</sup> Alternativa político-institucional distinta da social-democracia tradicional e do neoliberalismo.

### 3. Catástrofe Urbana

---

<sup>6</sup> Baseado em entrevista com Paul Virílio à Betty Milan, para a Folha de São Paulo em 28 de setembro de 1997, e nas obras do autor citadas na bibliografia da tese.

#### **4. Sociedade em Rede**

<sup>7</sup> Baseado em entrevista com Manuel Castells à Folha de São Paulo em 23 de maio de 1999, concedida a Maria Ercília e José Roberto de Toledo, e nas obras do autor citadas na bibliografia da tese.

<sup>8</sup> A desterritorialização é uma perspectiva nova para o sujeito do conhecimento que não permanece no mesmo lugar, tem o olhar que flutua livre e atento por muitos lugares, próximos e remotos, presente e pretéritos, reais e imaginários. Em Ianni, 1999.

<sup>9</sup> Constatou-se, reunindo estatísticas de 1989 a 1998, a partir de pesquisas do IBGE, que os melhores empregos estão ficando em São Paulo, graças a sua capacidade de atrair empresas de ponta compensando as perdas decorrentes da evasão industrial. Nestes últimos dez anos, mesmo diante da guerra fiscal levados adiante por estados para convencer empresas a abandonarem suas localizações paulistas, o estado, e mais particularmente a Região Metropolitana de São Paulo, continuou ampliando sua participação no Brasil em matéria de postos nobres de trabalho (O Estado de São Paulo, 23 de agosto de 1999).

#### **5. Limites do Estado**

<sup>10</sup> Baseado em artigo de Jürgen Habermas publicado na Folha de São Paulo, 18 de Julho de 1999.

#### **7. Desenvolvimento sem Trabalho**

<sup>11</sup> R. Dahrendorf - Al di là della crisi, Bari, Laterza, 1984. Em Masi (1999).